

---

**PKS**

PUBLIC  
KNOWLEDGE  
PROJECT

**REVISTA DE GEOGRAFIA  
(RECIFE)**

<http://www.revista.ufpe.br/revistageografia>

**OJS**

OPEN  
JOURNAL  
SYSTEMS

---

**ENTRE O DISTANTE E O PRESENTE: ALGUMAS  
CONSIDERAÇÕES URBANAS SOBRE A CIDADE DE ICÓ-  
CEARÁ**

*Enos Feitosa Araujo<sup>1</sup>*

*1. Dr em Geografia.. Universidade Federal do Ceará. Prof. Substituto IFCE, Campus Fortaleza. Email: enosfeitosa@gmail.com*

*Artigo recebido em 20/04/2015 e aceito em 17/03/2016*

---

**RESUMO**

Nas duas últimas décadas, a dinâmica urbana amplia-se no continente brasileiro por meio da adoção de políticas públicas diretas e indiretas de interiorização. Nesse contexto, o Nordeste brasileiro passa por transformações socioespaciais que implicaram a reestruturação de suas redes urbanas. No caso do Ceará, a rede urbana no século XX consolida-se perante a relevância da capital Fortaleza às antigas cidades interioranas. Uma delas, a cidade de Icó, conhecida até o século XIX como uma das mais importantes do estado, passa por várias crises econômicas, distanciando-se cada vez mais dos maiores fluxos econômicos cearenses. Assim, na atualidade, a cidade de Icó possui uma relevante posição entre os municípios do seu entorno, mas exerce uma função coadjuvante em comparação com outras cidades do Ceará que desempenham um papel econômico de maior expressão. Várias ações políticas e socioespaciais, porém, abrem novos rumos para o desenvolvimento econômico e espacial de Icó, sinalizando possíveis mudanças significativas na cidade e na rede urbana do Ceará.

**Palavras-chave:** Hierarquia urbana; regionalização; cidade de Icó; Ceará; dinâmica urbana.

**BETWEEN FAR AND ACTUAL: SOME CONSIDERATIONS URBAN  
ON ICO CITY, CEARÁ**

**ABSTRACT**

The urban dynamics was expanded in Brazil through the adoption of direct and indirect public policies of internalization in the last two decades. In this regard, the Brazilian Northeast passes through socio-spatial transformations which implied to the restructuring of its urban networks. In the case of the state of Ceará, the urban network in the 20th century was consolidated before the relevance of the capital Fortaleza to the ancient cities. The city of Icó, one of these older cities, was known until the 19th century as one of the most important cities of the state of Ceará, but it goes through several economic crises, distancing it to the major economic flows of Ceará. Nowadays, the city of Icó has a relevant position among its surrounding municipalities, but plays a role in supporting compared to other cities of Ceará that play an economic role of higher expression. However, Several socio-spatial and political actions open new paths for economic and spatial development of Icó, wich means a possible and significant changes in the city and the urban network of Ceará.

**Keywords:** urban hierarchy; regionalization; city of Ico, Ceara; urban dynamics.

## **INTRODUÇÃO**

O município de Icó, localizado a 370 km de Fortaleza, no centro-sul do estado do Ceará, possui uma área de 1.872 km<sup>2</sup> e uma população de 65.500 habitantes. É um “documento vivo” da ocupação do sertão nordestino e cearense desde o século XVIII, razão pela qual teve vários de seus edifícios e espaços tombados pelo Patrimônio Histórico (NASCIMENTO, 2003).

Compreender a produção espacial de Icó é compreender as relações da ocupação do sertão cearense, pois, como a província do Ceará era subordinada à de Pernambuco até o final do século XVIII, as terras alencarinas tinham funções definidas: produzir “carne seca” para a Zona da Mata, já que possuíam uma população escassa e dispersa, de baixo poder aquisitivo (JUCÁ NETO, 2009).

Dessa forma, a pecuária teve um papel fundamental na criação das vilas urbanas do Ceará a partir dos anos 1730. Fortaleza, Icó, Aquiraz, Aracati foram as primeiras vilas instaladas no estado, regulamentadas em Carta Régia, e posteriormente várias outras vilas foram constituídas, entre 1750 e 1800.

A produção de carne seca colocava o Ceará no caminho dos fluxos oriundos da cana-de-açúcar, promovendo a ocupação do sertão nordestino, com grandes fazendas especializadas na criação de gado, e principalmente em “pontos estratégicos” que possuíssem condições climáticas e ambientais favoráveis aos fluxos. A cidade de Icó, localizada ao lado do Rio Salgado, destacava-se pela localização (DANTAS, 2006).

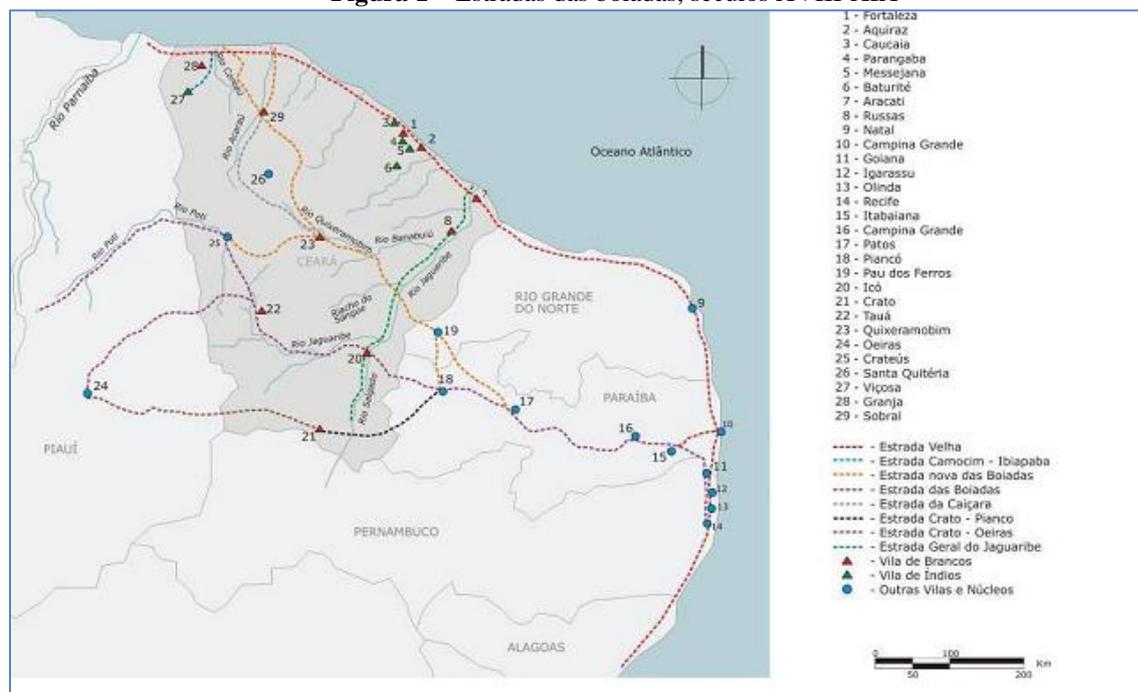
A cidade de Icó constituía um centro comercial, administrativo e de serviços, sendo considerada, segundo a Sudene (1977), como de importância nível 1 das cidades cearenses, pela sua robustez urbana e concentração de riqueza e equipamentos urbanos. Icó e Aracati eram as cidades primazes da até então província do Ceará.

Icó vinculava-se a Aracati pela Estrada Geral do Jaguaribe, que ligava as duas cidades para o escoamento marítimo (Aracati é litorânea e possuía um porto) dos produtos pecuários. Nesse quesito, Icó era o “ponto central” de várias estradas, como a Estrada das Boiadas, a Via das Caiçaras, além da movimentada Estrada Geral do Jaguaribe (ver Figura 1).

A localização estratégica de Icó, entre as principais vias do “caminho do gado”, favoreceu o seu crescimento e a concentração de fazendas destinadas à produção de gado, pois era um elo entre as cidades de Tauá e Crateús (no caso do Ceará) e cidades de Pau dos Ferros, Piancó (localizadas no Rio Grande do Norte) e Patos na Paraíba. Icó apresentava-se como uma importante cidade no “caminho do gado” durante a ocupação do sertão cearense, vinculando

fluxos do oeste cearense e das cidades mais próximas de Recife e Olinda, além das supracitadas acima.

**Figura 1** – Estradas das boiadas, séculos XVIII-XIX



Fonte: JUCÁ NETO, 2009. Adaptado de Studart Filho (1937).

Dessa forma, consolidava-se a primeira rede urbana cearense, caracterizada pelas cidades de Aracati, Icó, Sobral, Crato, Camocim, Acaraú, Quixeramobim, Fortaleza, Aquiraz e Granja, com suas respectivas funções e dinâmicas urbanas (ver Figura 2).

Até o século XIX, Icó mantinha sua importância perante a rede urbana cearense. Várias ações consideradas “elitizadas” foram implementadas e diversos equipamentos urbanos relevantes foram construídos na cidade. Destacam-se a elevação de Icó à categoria de cidade, em 1842; o Código de Obras e Posturas em 185; a criação de uma comissão científica, em 1859; o Teatro Ribeira Icós, em 1860; o Mercado Público, em 1875 (NASCIMENTO, 2003).

### **Século XIX-XX: a reorganização da rede urbana cearense**

Com a decadência da pecuária e a ascensão do algodão nos meados do século XIX, as cidades “pecuaristas” vislumbram outros locais onde possam conseguir grande produção algodoeira. Segundo Lima (2011), Icó teve um grande entrave no último quartel do século XIX: produzia muito gado, porém seus “aglomerados urbanos” produziam muito mais algodão do

que a própria cidade, como o distrito de Telha (que se tornaria oficialmente Iguatu no ano de 1883).

**Figura 2 – Rede urbana do Ceará no século XIX**



Fonte: Sudene, 1974; IBGE (2000).

Com a concentração econômica na cidade de Icó da atividade da pecuária, o século XIX marca a importância de pequenas vilas e distritos que produziam algodão e gado, e que, por possuírem certa força política, começaram a ficar independentes, como Jaguaribe (1833), Iguatu (1853) e Orós (1956). Iniciava-se um desmembramento do território de Icó, e a sua decadência econômica. Em 1910, um fato crucial determinou essa decadência: a rejeição, pela elite local, à construção da ferrovia. Segundo o IBGE (1968), a cidade de Icó era ponto estratégico para o percurso ferroviário proposto, mas, em virtude da rejeição, o município de Iguatu, influenciado pelo poder político do Cel. Belisário, propõe ao então Governador, Nogueira Acioly, a modificação do percurso ferroviário para essa cidade.

Tal feito alavancou a produção algodoeira de Iguatu e isolou cada vez mais a cidade de Icó dos novos fluxos de algodão e serviços direcionados e capitaneados pela capital de Fortaleza, assim como a cidade de Crato perante a soberania de Juazeiro de Norte, no Cariri.

Percebe-se então, uma nova hierarquia urbana no século XX, diferente da existente no século XIX (ver Figura 3) (IBG, 1968).

Assim, ao longo do século XX, Icó atravessou inúmeras crises no plano econômico, intercaladas por etapas de desenvolvimento, como a ocorrida no início do século, quando alguns comerciantes de peso, apoiados ainda na estrutura da produção algodoeira, estabeleceram-se na cidade, revitalizando algo de suas características abaladas (ATLAS DE CENTROS HISTÓRICOS DO BRASIL, 2007).

Concomitantemente à perda da ferrovia para Iguatu, a pecuária cearense entrava em profunda decadência, afetando diretamente as cidades de Aracati e Icó, que eram soberanas quanto à produção de mercadorias pecuárias, pois Fortaleza, no seu papel administrativo, político e econômico, consolidava sua influência direta em todas as cidades do Ceará.

Assim, a cidade de Icó perde o seu papel principal na rede urbana:

Esse passado já não mais existe. A cidade de Icó, a partir do século XX, passa a vivenciar um intenso processo de decadência e, atualmente, situada no perímetro delimitado pelo Polígono das Secas, apresenta uma depreciação crescente de seu espaço físico, antes próspero, fazendo jus ao título de “cidade do já teve” (NASCIMENTO, 2003, p. 115).

Já no início do século XX, a reconfiguração da rede urbana cearense modifica-se. Das cidades que tinham um papel fundamental na economia cearense, poucas conseguiram continuar suas atividades principais e tiveram de se adaptar ao declínio da pecuária e à concentração econômica e política na cidade de Fortaleza. As que tiveram piores perdas foram Aracati e Icó (antes conhecidas por suas dinâmicas) e outras se adaptaram e ganharam novo papel, como Sobral, Quixadá, Quixeramobim, Russas e Juazeiro do Norte, além de Iguatu que nos meados do século XX desempenha o papel que Icó representava na região centro-sul cearense no século XIX (ver Figura 3).

Mesmo com os problemas econômicos em Icó, percebem-se dois movimentos principais de políticas públicas para alavancar o crescimento econômico da cidade no século XX:

- a) **Período entre 1920 e 1950** – construção, em 1920, do Açude Lima Campos no distrito de Lima de Campos. Entre 1930 e 1940, com a interligação de Icó ao município de Piquet Carneiro, não se consegue o objetivo de reintegração da cidade à rota de mercadorias. Em 1940, a construção da BR-116 e a consequente “influência” da via rodoviária não foram bastantes para reverter o processo de decadência.

- b) **Período entre 1960 1980** – a construção de um perímetro irrigado no Rio Salgado pela consequente valorização hidroagrícola, pelo Departamento de Obras Contra as Secas (DNOCS), influenciou até a produção de um novo bairro, intitulado Novo Centro. Porém, a queda dos militares, nos anos 1980, resulta num certo desprezo do Governo Federal às ações diretas contra as secas no Nordeste brasileiro.

**Figura 3** – Rede urbana cearense, início do século XX



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE (1968), Dantas (2006) e Jucá Neto (2009).

Essas políticas, apesar de não terem consequências positivas definitivas, chegaram a modificar o espaço urbano da cidade de Icó, como a contratação de vários profissionais do Dnocs e a consequente produção de um novo bairro, mas a falta de articulação de políticas públicas municipais, estaduais e federais definem um cenário instável da relevância da cidade perante a hierarquia urbana no final do século XX.

### **A rede urbana cearense: as novas tendências do século XXI**

A rede urbana caracteriza-se, segundo Santos (2008), pelas diversas relações que possuam conexões funcionais permanentes entre cidades de forma urbana e rural, e da maneira como a hierarquia urbana é estabelecida por essas relações socioespaciais. Correa (2000)

complementa que tais relações possuem combinações diversas, de forma que cada rede urbana possui suas especificidades.

Assim, para entender a rede urbana, remete-se à noção de “hierarquia urbana”, que Santos (2008) considera como o reflexo da rede urbana, pois, pela flutuação de relações socioespaciais (isto é, a instabilidade ou a estabilidade das cidades) podem se compreender os fixos e fluxos formados na rede urbana constituída.

A influência da hierarquia urbana é baseada em estudos de Christaller (1966), em que se identificaram “lugares centrais” que polarizavam funções urbanas, exercendo influência sobre as demais, produzindo padrões diferenciados e dinâmicas urbanas de diversas escalas, desde a “cidade” até a “metrópole”, além das lógicas urbanas locais.

Como compreender a rede urbana cearense? É necessário analisar a hierarquia urbana cearense? Considera-se que a resposta seja afirmativa, pois, como Santos já aponta, a produção espacial é instável, e conseqüentemente o é a produção espacial urbana, pois, as relações socioespaciais são diversas, e Massey (2003) considera que o “espaço” constitui-se, por si próprio, uma teia de relações socioespaciais compreensíveis de variadas dimensões e formas.

Desse modo, ao se analisarem os primórdios da rede urbana cearense, compreendem-se os pontos iniciais das relações socioespaciais e percebe-se que a pecuária e o algodão têm um papel diferenciado, na medida em que promovem a produção de espaços voltados às atividades e, conseqüentemente, a consolidação de vilas e cidades que se tornaram posteriormente cidades mais importantes ou cidades menos badaladas, como o caso atual de Icó.

Assim, Correa (1999) atenta que a rede urbana e a hierarquia urbana dependem dos poderes políticos e econômicos, mediante a adoção de práticas consolidadas. E que, nas últimas décadas, o efeito globalizador reflete nas produções espaciais a partir das relações em diversas escalas espaciais (regional, nacional e internacional, por exemplo).

Assim, o IBGE (2008), no estudo *Regiões de Influência das Cidades*, propõe uma metodologia da rede/hierarquia urbana:

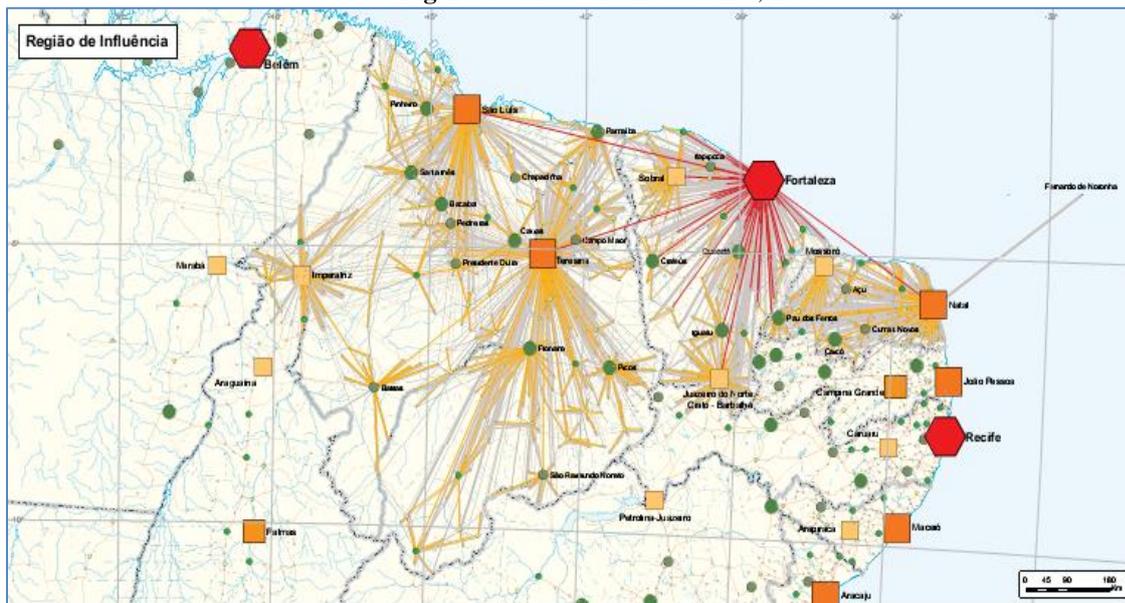
- 1) Metrópoles – 12 principais centros urbanos com grande porte, relacionamentos entre si e de forma nacional-internacional, subdivididos em grandes metrópoles nacionais, metrópoles nacionais e metrópoles.
- 2) Capitais regionais – 70 centros com capacidade de gestão inferior à das metrópoles. Possuem influência de âmbito regional, subdivididos em capitais regionais A, B e C.

- 3) Centros sub-regionais – 169 centros com área de atuação reduzida, com relações mais diretas com as metrópoles, sendo subdivididos em centros sub-regionais A e B.
- 4) Centros de zona – 556 cidades de pequeno porte, com influência em sua área imediata, subdivididos em centros de zona A e B.
- 5) Centros locais – 4.473 cidades que têm força espacial em seu próprio município, como os centros municipais.

Essa metodologia possibilita a compreensão das dinâmicas socioespaciais do Brasil do ‘centro local’ à ‘metrópole’, ou seja, da menor à maior influência urbana de um município.

Assim, no caso cearense, percebe-se, na Figura 4, a influência direta da cidade de Fortaleza, seguida por algumas capitais regionais e por centros sub-regionais que caracterizam a rede urbana cearense.

Figura 4 – Rede urbana cearense, 2008



Fonte: IBGE, 2008.

Nota-se que Fortaleza é a única cidade que se inclui na “metrópole”, como a última categoria – metrópole – atrás de outras como Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro, possuindo a terceira maior aglomeração metropolitana do Brasil. Logo após vêm Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha e Sobral (influência capital regional C) como segunda categoria urbana do Ceará, seguidos por Crateús, Iguatu e Quixadá (centros sub-regionais A), Itapipoca (centro sub-regional B). Nos centros de zona A, incluem-se Acaraú, Aracati, Canindé, Icó, Limoeiro do Norte e Russas na quinta categoria urbana do Ceará.

Pode-se, assim, dizer que Fortaleza pertence à primeira categoria – isolada – da rede urbana atual do Ceará, seguida das capitais regionais C – ou seja, cidades que possuem dinâmica urbana semelhante à de uma capital regional, porém, são cidades médias – e posteriormente dos centros sub-regionais A, que possuem como característica a influência regional em algumas “sub-regiões”, como por exemplo o centro-sul (Iguatu) e o sertão central (Quixadá), e depois os centros de zona A, que possuem influência em algumas “áreas regionais”, como a cidade de Icó.

<b>Metrópole</b>	<b>Capitais Regionais C</b>	<b>Centros sub-regionais A</b>	<b>Centros sub-regionais B</b>	<b>Centros de zona A</b>
Fortaleza	Juazeiro do Norte	Crateús	Itapipoca	Acaraú
	Crato	Iguatu		Aracati
	Barbalha	Quixadá		Canindé
	Sobral			Icó
				Limoeiro do Norte
				Russas

Fonte: IBGE, 2008.

Como exposto, a rede urbana cearense modifica-se conforme a temporalidade e os novos arranjos econômicos, políticos e espaciais, influenciando na hierarquia urbana das cidades e na estrutura urbana do estado. Algumas cidades que não tinham relevância na antiguidade passam a ter importância fundamental na atualidade, enquanto outras perdem seu papel econômico-político. Esse último caso é exemplificado pela cidade de Icó, que tem desdobramentos espaciais diferenciados e isolados da lógica reinante no sertão cearense.

### **Icó e a sua influência espacial na rede urbana cearense no século XXI**

No século XXI, a realidade urbana na cidade de Icó é bem diferente daquela do século XIX. A cidade, que antes era de primeira ordem na hierarquia urbana cearense, passou a ser apenas, segundo o IBGE, um “centro de zona A”, que é a quinta ordem de cidades conforme estudos regionais. Em outras palavras, Icó é atualmente nada mais do que uma cidade que possui atratividade/regionalidade limitada em comparação ao que possuía no passado.

A cidade tem 65.500 habitantes, dos quais 53,5% estão nas zonas rurais e 46,5% nas zonas urbanas. Ou seja, são 34.993 habitantes nas zonas rurais (que têm crescimento negativo

de -0,41% ano) e 30.463 habitantes nas zonas urbanas (com crescimento de 1,5% ao ano), o que caracteriza Icó como um município ainda basicamente rural.

O município rural tem como principal destaque a concentração de serviços públicos e privados na “cidade” de Icó. O mais dicotômico é o reflexo do ramo agropecuário na produção espacial da cidade. Antes, a agropecuária era desenvolvida nos grandes empreendimentos e casarões na localidade e hoje, com a agropecuária estagnada, a cidade também tem sérios problemas de desenvolvimento econômico.

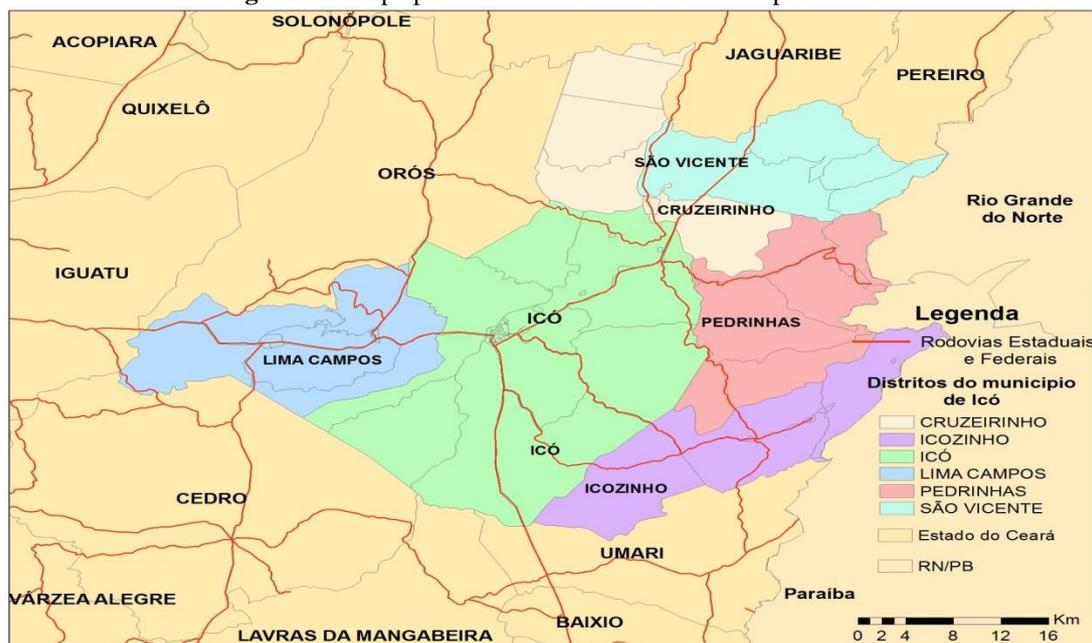
Icó, porém, oferece à população vários serviços públicos e privados (oriundos principalmente dos anos 1960-70), dos quais se podem destacar: o Departamento Nacional de Obras contra as Secas (Dnocs); uma unidade de atendimento da Receita Federal; o Hospital Regional; a Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação da Educação (Crede 17), da Secretaria de Educação do Ceará (Seduc); faculdades privadas, como a Vale do Rio Salgado (FVS); a Escola Profissional (EEEP); bancos públicos e privados (Brasil, Caixa Econômica Federal e Bradesco).

Apesar da proximidade de Icó com Iguatu (centro regional de grande porte), esses serviços públicos atraem os habitantes dos distritos icoenses, além dos municípios de Baixio, Orós e Umari, que utilizam os serviços financeiros e comerciais, motivados pela facilidade de meios de transporte diversos e diários à cidade de Icó.

O município de Icó possui 6 distritos: a cidade de Icó (sede) onde se concentram os serviços públicos e privados do município; São Vicente e Cruzeirinho, ao norte, fronteira com Jaguaribe, Pereiro e Orós; Pedrinhas e Icozinho a leste, fronteira com Paraíba e Rio Grande do Norte; Lima Campos (distrito que leva o nome do açude), a oeste, fronteira com os municípios de Iguatu e Orós. A cidade de Icó fica próxima a Iguatu (50 km de distância) e à divisa de dois Estados – Rio Grande do Norte (nordeste) e Paraíba (a leste e sudeste) – e é cortada pela BR-116, importante rodovia que liga Fortaleza a Porto Alegre, além das CE-282 (Iguatu-Icó), CE-153 (Orós-Icó-Lima Campos), e das estradas locais de seus distritos (ver figura 5).

A localização estratégica de Icó, entre as principais vias do “caminho do gado”, favoreceu o seu crescimento e a concentração de fazendas destinadas à produção de gado, pois era um elo entre as cidades de Tauá e Crateús (no caso do Ceará) e cidades de Pau dos Ferros, Piancó (localizadas no Rio Grande do Norte) e Patos na Paraíba. Icó apresentava-se como uma importante cidade no “caminho do gado” durante a ocupação do sertão cearense, vinculando fluxos do oeste cearense e das cidades mais próximas de Recife e Olinda, além das supracitadas acima.

Figura 5 – Mapa político-administrativo do município de Icó



Fonte: IBGE, 2012.

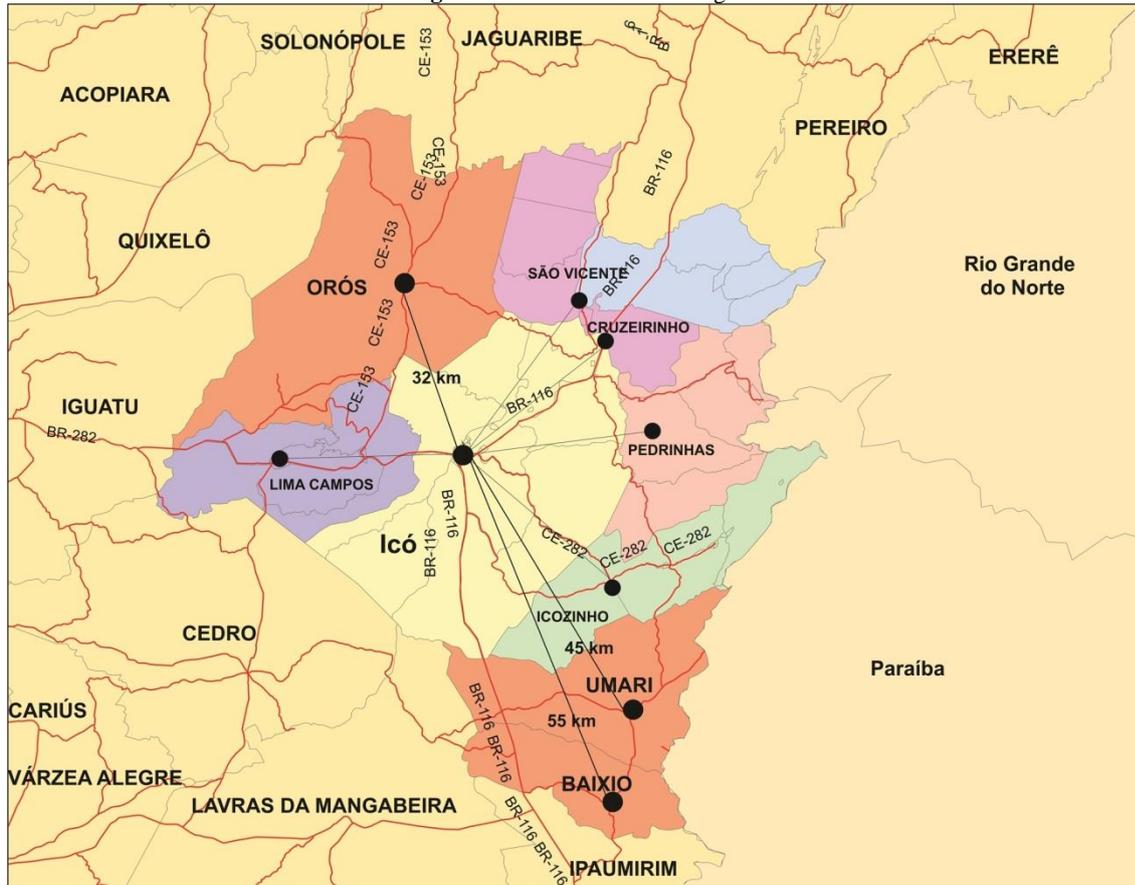
Neste contexto, Icó apresenta-se como ponto de “transição” de fluxos: fluxos oriundos da BR-116 e de municípios próximos (como os do próprio Iguatu, por exemplo) além das cidades paraibanas e potiguares, principalmente norteadas por Cajazeiras (Paraíba) e Pau dos Ferros (Rio Grande do Norte). Esses fluxos, porém, não acumulam grandes lucros interestaduais como acumulavam outrora (ver Mapa 2).

A reestruturação produtiva da indústria cearense deixou Icó de fora devido à “inércia” da cidade na atração de outras atividades econômicas. Cidades como Iguatu, Quixadá, Quixeramobim, Crato e Barbalha receberam várias indústrias nacionais, notadamente do ramo têxtil e de calçados, reforçando a “seletividade de lugares”<sup>1</sup> (SANTOS, 2008).

Assim, a economia do interior nordestino aos poucos se modifica diante de novas lógicas capitalistas e, conseqüentemente, uma nova lógica da produção espacial. Quanto à influência direta da Administração Pública (de níveis diferenciados) na economia interiorana, vê-se aos poucos um crescimento urbano considerável e uma maior intervenção de capital globalizado (SANTOS, 2008).

<sup>1</sup> Santos (2008) destaca a “seletividade de lugares” quanto à produção espacial. Para o autor, o “lugar”, enquanto fragmento constituinte do espaço, destaca-se pelas suas características naturais, e, pelas técnicas/tecnologias concentradas em fixos e fluxos no local, pode atrair capitais devido à sua fluidez. Em outras palavras, os lugares “precisam ter componentes físicos e artificiais” para movimentar capitais e produzir lucros. No mesmo contexto está a “guerra dos lugares” em que o mesmo autor fala sobre a capacidade de rentabilidade de um local em função da organização, da concentração técnica, dos recursos naturais, entre outros aspectos.

Figura 6 – Influência da sub-região de Icó



Fonte: IBGE, 2012. Autor: ARAÚJO, E. F., 2012.

Como pode ser visto no Mapa 2, a proximidade espacial favorece a influência de Icó sobre sua área regional: Orós (a 32 km), Umari (a 45 km) e Baixo (a 55 km). Apesar de vários serviços concentrados em Iguatu, a cidade de Icó tem um papel fundamental na absorção e fluidez dos fluxos econômicos – notadamente financeiros e comerciais – da sub-região, haja vista a manipulação de recursos financeiros no Brasil, oriundos, por exemplo, de programas de assistência e de benefícios de aposentadoria.

Os dados socioeconômicos expostos na Tabela 1 abaixo refletem um pouco essas dinâmicas existentes na área estudada.

Tabela 1 – Dados socioeconômicos da sub-região de Icó

Município	PIB (milhões R\$)	Total habitantes	Habitantes (% urbano)	Empregos formais <sup>1</sup>	Empregos AP/Total <sup>2</sup> (%)	Distância Icó/outros municípios
Icó	290,00	65.500	46,4%	5.832	58%	-

Orós	106,29	21.500	75,0%	1.398	64%	32 km
Umari	29,24	7.545	52,0%	549	85%	45 km
Baixio	25,02	6.200	55,0%	485	77%	55 km
<b>Total sub-regional</b>	<b>450,5</b>	<b>100.750</b>	<b>57,1%</b>	<b>8.264</b>	<b>71%</b>	-

<sup>1</sup> Segundo dados do RAIS/MTE, 2012.

<sup>2</sup> Participação em porcentagem dos empregos da Administração Pública em relação ao total.

Fonte: IBGE, 2012.

Segundo a Tabela 1, observa-se a importância econômica de Icó quando se comparam os quatro municípios da sub-região. Responsável por quase 65% de todo o PIB da área estudada, Icó tem R\$ 290 milhões no ano de 2012, seguido de Orós, com PIB de R\$ 106 milhões (23,5%), Umari, com R\$ 29,2 milhões (6,4%), e Baixio, com R\$ 25,0 milhões (5,5%).

Quanto ao contingente populacional, Icó também se sobressai entre os municípios relacionados, com 65.500 habitantes (65,0% do total). Na sequência vem Orós, com 21.500 habitantes (21,3%), Umari, com 7.545 habitantes (7,7%), e Baixio, com 6.200 habitantes (6,1%), perfazendo, os quatro municípios conjuntamente, um total de 100.750 habitantes.

Por outro lado, Icó possui uma concentração urbana menor (46,4%) que os outros municípios (Umari, Baixio e Orós com 52,0%, 55,0% e 75,0%, respectivamente). Isso se deve principalmente à dimensão da área do município (1.872 km<sup>2</sup>), pois a área rural é predominante, condensando a população urbana na sede do município de Icó, ao contrário de outros municípios com menores áreas totais.

O número de empregos formais da área aqui estudada é de 8.264 para uma população total de 100.750 habitantes, refletindo que a informalidade é de grande proporção. Somente Icó registra, para o município, 70,5% de todos os empregos da sub-região, seguido de Orós (1.398 ou 16,92%), Umari (549 ou 6,64%) e Baixio (485 ou 5,87%).

Outra variável relevante que reflete a supremacia econômica de Icó em relação aos demais municípios é o percentual de participação em empregos formais na Administração Pública: Icó e Orós possuem os menores percentuais, de 58% e 64%, respectivamente, ao passo que Umari e Baixio possuem índices maiores, de 85% e 77%, respectivamente. Nesse quesito, é necessário assinalar a influência do setor da Administração Pública (principalmente municipal e estadual) na avaliação do número de empregos no sertão nordestino, muitas vezes correspondendo a até 90% de todos os empregos formais disponíveis nos municípios. Destaca-se, também, a aposentadoria de idosos, os quais complementam os principais consumidores da “nova economia interioriana”. Como Icó é dotada de uma maior variedade de serviços, Umari,

Baixio e Orós possuem com a cidade uma relação de hierarquia urbana de dependência/demanda.

Tal conjuntura aponta a relevância da cidade de Icó como polo sub-regional de comércio e serviços, setores responsáveis por quase 79% de toda a economia municipal, seguidos da agropecuária (10,76%) e da indústria (10,26%). O PIB municipal chegou a R\$ 260 milhões no ano de 2011, segundo dados do IBGE, o que vincula a cidade ao comércio e aos serviços.

No ramo da agropecuária, o Perímetro Irrigado Icó-Lima Campos foi criado em 1969, abastecido por água do Açude Público Federal Lima Campos (com capacidade de 66,4 milhões m<sup>3</sup>), podendo produzir feijão, arroz, feijão, milho, banana, coco, graviola, entre outras lavouras. Porém, devido à falta de políticas federais, estaduais e municipais, esse perímetro irrigado encontra-se praticamente abandonado, sem grandes produções.

Dessa forma, a cidade de Icó possui problemas relacionados à produção agropecuária. Segundo o Diário do Nordeste (2011), desde 2011 o governo federal estaria elaborando projetos para vitalizar o perímetro irrigado, e promover ações efetivas direcionadas ao aumento da produção de hortaliças e vários outros gêneros alimentícios.

Por outro lado, o setor educacional recebe mais investimentos, com a autorização para a construção de um campus na cidade, pertencente à Universidade Federal do Cariri (UFCA), e a implementação de uma Escola Profissional, com capacidade para 540 alunos/anuais em quatro cursos de Ensino Médio Técnico.

Assim, o cenário da cidade de Icó apresenta-se simultaneamente com características de um passado distante e de um futuro promissor, levando-se em conta o número considerável de projetos de ações que podem modificar profundamente o rumo da cidade e do município.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O que esperar da cidade de Icó no futuro? Quais são os principais desafios a vencer? Com um dos piores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do Ceará (0.640) e quase 17 mil habitantes (27% da população) na linha da pobreza, o município de Icó poderá enfrentar sérias dificuldades no futuro.

Existem, porém, vários projetos que podem modificar fortemente a produção espacial da cidade e do município. Um delas é a construção de um campus da Universidade Federal do Cariri (UFCA) até 2016, através do qual Icó pode tornar-se um “polo de atração de estudantes de toda a região” (DIÁRIO DO NORDESTE, 2013).

Como diz Harvey (2009), o papel das cidades e dos lugares depende diretamente de toda a teia do sistema capitalista. Existem lugares “de reserva” que podem ter atividades minimizadas em determinados recortes temporais devido à conjuntura local-global. Mas por estarem ligados diretos e indiretamente a toda a lógica capitalista, certos lugares podem tornar-se centrais devido às mudanças conjunturais.

Assim, partindo dos dados estatísticos, empíricos e teóricos, questiona-se que tipo de cidade e município será produzido. Será que uma cidade que tem laços históricos no passado pode ou deve deles se utilizar para construir uma nova cidade? Que tipo de cidade conceber?

Segundo dados do próprio Plano Diretor de Icó, o município tem a zona rural pobre e a zona urbana com alto índice de pobreza e desigualdade. De acordo com dados do IBGE (2010), de 20.476 pessoas que trabalham formalmente e informalmente apenas 5.900 tinham carteira assinada (ou seja, 29% do total) e outros 14.576 (71% do total) não possuíam vínculo empregatício, principalmente ligado à agricultura e à pesca artesanal.

Como planejar uma cidade com laços tão fortes com o passado e com abertura para um novo futuro? Eis o principal desafio para uma cidade que já exercera importante papel na rede urbana do Ceará, e que agora pertence apenas à quinta ordem da hierarquia urbana. Assim, a cidade de Icó caminha em meio às venturas do distante, às agruras do presente e às incertezas do futuro.

## **REFERÊNCIAS**

CHRISTALLER, W. Central places in Southern Germany. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1966.

CORREA, R.L. Globalização e reestruturação da rede urbana: uma nota sobre as pequenas cidades. *Revista Território*, ano 4, v.6, 1999, p.43-53.

\_\_\_\_\_. Rede urbana e formação espacial – uma reflexão considerando o Brasil. *Revista Território*, ano 5, v.8, 2000, p.121-129.

\_\_\_\_\_. Uma nota sobre o urbano e escala. *Revista Território*, ano 7, nº 11,12 e 13, 2003, p.133-136.

DANTAS, E.W.C. Rede urbana colonial cearense: uma crítica à noção de rede dentríca. *Revista do Instituto do Ceará*, 2006, p. 145-170.

DILMA sanciona Universidade Federal do Cariri nesta quarta. *Diário do Nordeste*. Disponível em: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/robertomoreira/dilma-sanciona-universidade-federal-do-cariri-nesta-quarta/>. Acessado em 14 de julho de 2013.

GOVERNO anunciou verba para recuperar perímetro de irrigação Icó – Lima Campos, Diário do Nordeste. Disponível em:  
<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1016588> Acessado em: 14 de julho de 2013.

JUCÁ NETO, C. Primórdios da rede urbana cearense. Mercator. Ano 8, nº 16, 2009, p.77-102.

HARVEY, D. Condição pós-moderna. São Paulo, Loyola, 2009.

\_\_\_\_\_. O enigma do capital: e as crises do capitalismo. São Paulo, Boitempo, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA – IBG. 1968. Boletim geográfico, Edição 207, Volume 27 -Edição 213, Volume 28.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Dados das cidades brasileiras, 2013. Acesso em: [www](http://www.ibge.gov.br).

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATETÉGIA ECONOMICA DO CEARÁ. IPECE. Perfil Básico Municipal –Baixio. Fortaleza, 2012.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATETÉGIA ECONOMICA DO CEARÁ. IPECE. Perfil Básico Municipal –Icó. Fortaleza, 2012.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATETÉGIA ECONOMICA DO CEARÁ. IPECE. Perfil Básico Municipal –Orós Fortaleza, 2012.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATETÉGIA ECONOMICA DO CEARÁ. IPECE. Perfil Básico Municipal – Umari, Fortaleza, 2012.

LIMA, A.M. A geografia histórica do Iguatu-CE: uma análise da cultura algodoeira de 1920 a 1980. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia), Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011, 213p.

MACEDO, F.C; LIMA JUNIOR, F.O; MORAIS, J.M.L. Dinâmica econômica e rede urbana cearense no início do século XXI. REDES, Santa Cruz do Sul, v. 17, n.1, 2012, p.70-93.

MASSEY, D. Pelo espaço: uma nova política de espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

NASCIMENTO, J.C. Uma princesa “tombada” as margens do Rio Salgado: dinâmica urbana e ações preservacionistas na cidade de Icó. Cadernos 2, 2003 p. 115-130.

\_\_\_\_\_. Intervenções preservacionistas em Icó-CE: redenção do Sertão? Forum Patrimônio, v.1, n.1. 2007, p.190-202.

PICCINATO, G. PESSOA, J. Atlas de centros históricos do Brasil. Casa da Palavra, 2007.

SANTOS, M. A natureza do espaço. São Paulo, Edusp, 2008.

SUPERINTENDENCIA DE DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE. A ação da SUDENE para o desenvolvimento regional, 1977.